

TEXTO E IMAGEM EM ANNIE ERNAUX: A AUTOBIOGRAFIA E A FOTOGRAFIA COMO RUDIMENTOS DA VERDADE NA LITERATURA

DIRCEU ARNO KRÜGER JUNIOR¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS
(orientador)²

¹Universidade Federal de Pelotas – dirceu.kruger.jr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se a investigar os conceitos de autobiografia e fotografia na obra de Annie Ernaux (1940), escritora francesa, como artefatos primários na perscrutação da verdade na literatura. Concebendo-se a autobiografia como o pacto indissolúvel entre escritor e leitor, no qual se pressupõe o princípio de identidade designado como *autor-narrador-personagem*, o qual se refere à mesma pessoa, isto é, ao autor (LEJEUNE, 2014). A fotografia configura-se na roupagem de uma salvaguarda à solidificação do caráter autobiográfico impingido ao relato autobiográfico sedimentado pela autora em seu texto. Dessa forma, texto e imagem representam o *corpus* teórico do trabalho literário de Ernaux, em que a literatura (texto), permeada pela imagem (a fotografia), direciona-se em uma empresa rumo à verdade. Em livros como *A vergonha* (1997), *O acontecimento* (2000) e *Memória de menina* (2016), Ernaux estabelece os rudimentos de seu processo de perscrutação da verdade, reinterpretando a autobiografia como uma *auto-socio-biografia* (GASPARINI, 2014), em que pese o morfema *socio* como maneira de recrudescer a autenticidade autobiográfica, autodiegética e calcada na primeira pessoa do singular, *eu*, enfocando os meandros sociopolíticos de sua escrita.

A verdade, então, ao se inquirir os pressupostos epistemológicos engendrados pela escritora em sua obra, explicita uma cisão na narrativa ernauxiana, ao observarem-se as fotografias intercaladas ao seu texto, na moldura de um antes e um depois, os quais arregimentam um indivíduo que, concomitantemente, descontinua-se e continua-se quando cristalizado no âmago da foto. No qual seu *punctum* (Barthes, 2022) revela-se, assim, na dimensão da decrepitude do ser e na tentativa de petrificação do *zeitgeist*, do espírito do tempo, este abaulado pela sua pátina, isto é, a corrosão persistente e inexorável provocada por uma ação perpetrada, impiedosamente, pelo próprio tempo. De acordo com Barthes (2022, p. 74), em *A câmara clara*: “A Fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi. Essa sutileza é decisiva”.

A literatura de Annie Ernaux, a partir da vertente argumentativa explicitada acima, é um ensejo ao manutenção da memória, não obstante o seu desaparecimento, de assegurar a permanência do texto, das palavras, por intermédio da vivificação originada pela fotografia. A verdade, logo, prorrompe como um rudimento de ordem enigmática que, ao redundar no interior da textualidade e da fotografia de Ernaux, consolida e vem a tornar incontornável o processo de degradação do indivíduo, o qual, calamitosamente, reincide na investida de preservar a integralidade, não apenas orgânica, mas espiritual e imagética de si. Por fim, inventariando o seu próprio fenecimento, a autora persevera através dos princípios existentes no texto e na imagem que norteiam

um determinado fim: a erradicação do sujeito registrada no bojo de sua literatura e de sua arte fotográfica.

2. METODOLOGIA

Uma abordagem analítica foi empregada, metodologicamente, para a consecução deste estudo, no qual o mote da investigação realizada centraliza-se no cabedal literário produzido por Ernaux. A conceptualização de autobiografia possui como escopo o arcabouço teórico desenvolvido por Philippe Lejeune, autobiógrafo francês, cujo ensaio publicado, *O pacto autobiográfico* (1975), proporciona um eixo de averiguação no que tange à autobiografia e a seus desdobramentos. O filósofo francês, Roland Barthes, mediante seu livro, *A câmara clara* (1980), redimensiona a fotografia com base na compreensão de *punctum*, o cerne do documento fotográfico que propicia a superfície de contato, pungente, entre o espectador da fotografia e o seu conteúdo.

Annie Ernaux, doravante seu vasto repertório literário, viabiliza uma obra calcada em uma reflexão orientada para um inventário dos aspectos sociais e políticos pertinentes à escrita, a sua escrita, numa experiência que introjeta um vislumbre de seu entorno e de suas origens, criticando o *status quo* e revelando-a como uma trânsfuga de classe (Bourdieu, 1989), conceito fundamentado por Pierre Bourdieu (1930-2002), filósofo e sociólogo francês. A autora, ao escolarizar-se, desatreia-se de sua procedência familiar, *transfugindo-se* para um novo entorno social, o mundo burguês. A caracterização teórica da verdade, em sua procedência filosófica, encontra-se na literatura de Ernaux, pulverizada na urdidura de seu texto, tal como um intento à universalização de sua ortografia, em uma intersecção profunda com o leitor. A *vergonha*, preponderantemente, na forma como é exposta na obra homônima, publicada em 1997, ressignifica a relação de Ernaux com seu meio familiar, dessa maneira, em sua perspectiva: “O pior da vergonha é acreditarmos que somos os únicos a experimentá-la” (ERNAUX, 2024, p. 78).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verifica-se que a pretensão de Ernaux é a de manter-se vivificada no reduto de sua obra, na qual não há o deliberado apagamento do narrador que confecciona a tapeçaria de seu relato, em decorrência da natureza autobiográfica de sua redação. Mesmo recorrendo a terceira pessoa do singular, para plasmar o eu-narrador, em *Memória de Menina*, a sua aura autoral não é comprometida: “Naquele dia, a menina da mercearia não sabe que entrou na repetição infernal da abstinência draconiana seguida da recaída na crise de voracidade, desencadeada por algo obscuro e incontrolável” (ERNAUX, 2025, p. 92).

Considerando-se o caráter universalizante de sua textualidade, a autora promove elocuções de eventos nucleares e disruptivos de sua vida, como a concretização de um aborto e o envolvimento com um homem mais jovem, em outros termos, alguns dos pilares nos quais ela assenta o tom universal e, também, particular, distintivo de sua literatura. A fotografia, contudo, insurge-se, estrategicamente posicionada por Ernaux, como, paradoxalmente, um esforço de resgate do indivíduo registrado em película, em que se observa a fissura ocasionada pela transpassagem do tempo e o antes e o depois o qual sentencia a continuidade e a descontinuidade do indivíduo. O desabrochar da verdade é composto, no pensamento ernauxiano, de rupturas e silêncios que se alternam

entre si. Na obra *Os anos* (2008), resplandece um clarão de uma verdade, quando Ernaux (2021, p. 91) assevera:

A cada instante do tempo, ao lado do que se considera natural fazer e dizer, ao lado do que foi determinado pensar, seja pelos livros, anúncios no metrô ou piadas, há todas as coisas que ela faz sem que ninguém saiba, coisas que são silenciadas por uma sociedade que condena a um mal-estar solitário todos aqueles e aquelas que sentem coisas sem poder dar nome a elas. Este silêncio se rompe bruscamente (ou pouco a pouco), e então as palavras jorram sobre as coisas, enfim reconhecidas, enquanto, escondidos, outros silêncios voltam a se formar.

O marco da verdade, em seu prorromper, é uma astúcia por parte da memória que atua infatigavelmente na constituição de seu próprio acervo, do *trabalho interior* (Yates, 2007), sublinhando Frances Yates (1899-1981), historiadora inglesa, que é recorrentemente empreendido pelo sujeito. Os capilares da literatura de Ernaux estendem-se de modo a manifestar as irregularidades que figuram na arregimentação do indivíduo, na atitude de possibilitar a evocação de *um outro eu*. A fotografia, aliada à literatura, promove uma cronologia dos eventos e dos fatos tangentes ao sujeito, consequentemente deflagrando as nuances que representam a franca dissolução de sua corporatura, onde se percebe a experiência de um resgate do espírito do tempo documentado nas fotografias.

4. CONCLUSÕES

O cunho autobiográfico da literatura ernauxiana, enaltecendo-se seu embate pela permanência da tonalidade veridiccional de sua escrita, enquadrada pela autobiografia, é um ensaio de distanciamento do emolduramento ficcional que poderia circunscrever seu texto. O gênero forjado pela escritora, a auto-socio-biografia, é a marca indelével de seu comprometimento em assegurar o vicejar dos contornos sociais e políticos tradicionalmente elucubrados em seus livros. Em *O acontecimento*, Ernaux (2022, p. 21) redige sob a égide de sua gravidez: “Eu estabelecia uma ligação entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. A primeira a fazer um curso superior numa família operária e de pequenos comerciantes, eu tinha escapado da fábrica e do balcão”.

No texto e na imagem, acompanha-se um principiar, em outros termos, o surgimento de um agente literário, Annie Ernaux, introduzido em um emaranhado de acontecimentos seminais abalizados por um contexto historiográfico, em que as imagens digladiam-se com a ameaça do aniquilamento. O que subsiste são os delineamentos de uma verdade, dissipada nos entulhos da auditoria autobiográfica (eu) desenhada pela autora, na qual emerge a transformação de um ser humano em ente. No qual as barreiras socioeconômicas representam e representaram, então, o remodelar do indivíduo, neste caso, no interior da literatura, como a reparação da memória que incide no enfrentamento contra a finitude, esta assinalada na envergadura da fotografia (sombra) e sua predisposição a acumulação imagética.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERNAUX, A. **Os anos**. Tradução de Marília Garcia. 3ª reimp. São Paulo: Fósforo, 2021.

_____. **O acontecimento.** Tradução de Isadora de Araújo Pontes. 1ª reimp. São Paulo: Fósforo, 2022.

_____. **A vergonha.** Tradução de Maria Etelvina Santos. Lisboa, PT: Livros do Brasil, 2024.

_____. **Memória de menina.** Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2025.

BARTHES, R. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GASPARINI, P. Autoficção é o nome de quê? (a). *In:* Jovita Maria Gerheim Noronha (org.). **Ensaaios sobre a autoficção.** Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 181-222.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. *In:* NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 15-55.

YATES, Frances A. **A arte da memória.** Tradução de Flávia Bancher. 4ª reimp. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2007.